

Das ondas para o asfalto: uma história das relações entre o surfe e o skate

LEONARDO BRANDÃO*

Este trabalho é parte integrante de uma pesquisa mais ampla, financiada pelo CNPq, e que se encontra atualmente em curso junto ao Programa de Doutorado em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nele, objetivamos divulgar alguns conhecimentos já produzidos sobre os chamados esportes californianos, enfatizando as relações entre as práticas do surfe e do skate durante a década de 1970 no Brasil, e em especial na cidade do Rio de Janeiro. Partimos do viés da História do Esporte enquanto um domínio historiográfico e da análise da revista *Pop*, publicada pela editora Abril entre os anos de 1972 e 1979, para problematizar o modo como o surfe foi influenciando a formação de um “surfe de asfalto” que, a partir de meados da referida década, passou a ser mais conhecido no país como “skate”.

Embora seja uma prática bem mais antiga que a do skate, os momentos iniciais da configuração do surfe como um esporte ocorreu somente durante a primeira metade do século XX, em particular na Costa Oeste dos Estados Unidos, lugar onde surgiram os primeiros clubes de surfe na Califórnia. Antes disso, ele já era praticado na Polinésia, sobretudo no Havaí, mas com significados muito diferentes. De acordo com Cleber Augusto Gonçalves Dias, pesquisador do Laboratório de História do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a prática do surfe foi iniciada pelos polinésios, mas a partir de conotações religiosas e cerimoniais que não implicavam seu uso esportivo. Sua descoberta ocorreu por intermédio do explorador britânico James Cook (1728 – 1779), quando este, chegando ao Havaí, deparou-se com “a incrível cena de homens flutuando sobre as águas” (DIAS, 2009: 44).

Após ser incorporada pela cultura dos lazeres norte-americanos, o surfe passou a tomar dimensões bem diferentes, tornando-se um esporte associado à juventude, à contemplação da natureza e aos prazeres corporais. Ao analisar aspectos relacionados ao processo de formação e desenvolvimento desta atividade nos Estados Unidos, Cleber Dias coloca que o surfe,

* Bacharel em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Doutorando em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e bolsista CNPq.

difundiu-se maciçamente na esteira do desenvolvimento da contracultura, dos símbolos de identificação da juventude e da indústria do entretenimento norte-americano, sobretudo o cinema. Associado ao aparecimento de um novo estilo de vida, que através de uma permanente celebração do prazer, se apresentava menos comprometido com o sistema de valores dominantes – especialmente a ética do trabalho e da produtividade –, o esporte rapidamente se transformou num símbolo de identificação coletiva para a juventude dourada da Califórnia (DIAS, 2008a: 56).

Se desde a década de 1950 a presença do surfe em produções cinematográficas norte-americanas tem se apresentado como um importante vetor para o aumento no número de praticantes (DIAS, 2008b: 4), sua popularização em outros países, como no Brasil, também apresenta relações com a sétima arte. No cinema nacional, o filme *Garota de Ipanema*, de 1967, foi o primeiro a exibir cenas de surf (MELO; FORTES, 2009: 188), pois na trama a protagonista (interpretada por Marica Rodrigues) era namorada de um campeão de surfe (interpretado por Arduíno Colassanti). Segundo o historiador Rafael Fortes, posteriormente a *Garota de Ipanema*, “quatro filmes destacaram o surfe na passagem dos anos 70 para os 80: *Nas ondas do surf*, *Nos embalos de Ipanema*, *Menino do Rio* e *Garota Dourada*” (FORTES, 2009: 421), sendo que o filme *Nas ondas do surf*, produzido no ano de 1978, além de difundir o surfe como um estilo de vida, também apontava o skate como uma atividade que se desenvolveu a partir deste esporte.

Assim, se havia um poder de mobilização por parte do cinema, sobretudo no sentido de encantar os jovens com as inúmeras possibilidades que esses esportes ofereciam, vale destacarmos a existência do filme norte-americano intitulado *Skaterdater*, escrito por Noel Black e produzido por Marshal Backlar a partir de um trabalho de conclusão de curso na UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles) no ano de 1965. O filme, ou mais precisamente um curta-metragem de aproximadamente 18 minutos, acabou ganhando a Palma de Ouro no festival de Cannes no ano de 1966 e se tornou um sucesso nos Estados Unidos na época. Felizmente, numa era em que a Internet revolucionou o acesso a arquivos os mais diversos, é possível assistirmos ao filme na íntegra pela rede, o que bem enriquece as possibilidades de pesquisa em história contemporânea. Segundo Marcello Dantas, curador de uma

exposição que trouxe Gary Hill, um dos jovens atores do filme – e hoje um conceituado videoartista norte-americano, vencedor do Leão de Ouro na Bienal de Veneza de 1995 – para o Rio de Janeiro, o curta *Skaterdater* teve a função de introduzir o skate, “um esporte nascente na Califórnia, no mundo”¹.

Tido como um dos primeiros registros cinematográficos da prática do skate, sua trama apresenta como cenário central as ladeiras de Venice Beach, na Califórnia, e como atores principais sete jovens praticantes de skate. Descalços e ao som de *surf-music*, esses skatistas apresentavam por todo o filme movimentos corporais muito próximos aos que os surfistas realizavam nas ondas do mar, evidenciando ser o skate um desdobramento, no asfalto, do surfe praticado nas ondas.

O filme não apresenta diálogos, quem conta a história são as imagens, que ficam por conta da interpretação do espectador. Assim, é possível percebermos, entre os jovens skatistas, que dois deles competiam, implicitamente, pelo lugar de líder do grupo, trocando olhares e desafios com o skate. Trata-se de um filme que explora, através do skate, o universo de latente sexualidade juvenil, utilizando-se do skate como atrativo visual para um enredo em voga neste período de “revolução cultural”². Trocando as corridas de skate pelos “rachas” de carro, temos em *Skaterdater* uma versão mais jovial para o clássico filme “Juventude Transviada”, estrelado por James Dean em 1955.

Embora a introdução do skate no Brasil tenha ocorrido, de acordo com César Chaves (CHAVES, 2000: 13), a partir de meados da década de 1960 na cidade do Rio de Janeiro, foi somente a partir da segunda metade da década de 1970 que esta atividade se tornou mais expressiva e com um número bem maior de praticantes. No início, como relata Chaves, o skate surgiu no país por intermédio de alguns surfistas cariocas que surfavam no Arpoador e que acabaram por descobrir a existência do skate nas páginas de revistas norte-americanas destinadas ao surfe, como a *Surfer* e a *Surfing*, as quais passaram a exibir, além do surfe, também imagens de skate. De acordo com o pesquisador Tony Honorato “há rumores do surgimento do skate no Rio de Janeiro em 1964, mas como nada foi documentado torna-se difícil apontar o ano de forma precisa”

¹ http://rioecultura.com.br/expo/expo_local3.asp?expo_cod=1264, acesso em 23/08/2009.

² Sobre o termo, ver: HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

(HONORATO, 2004: 1). Embora o ano exato de introdução do skate no Brasil seja difícil de determinar com clareza, não há dúvidas de que sua prática teria começado durante a década de 60 do século passado, mas só ganhando maiores proporções a partir da segunda metade da década de 1970, com o aparecimento de pistas de skate, equipes, fábricas, revistas especializadas etc.

A associação com o surfe, como explica César Chaves – ou Cesinha Chaves, como ficou mais conhecido entre os skatistas – deveu-se ao fato de que muitos dos primeiros praticantes de skate no Brasil eram também surfistas “que tentavam imitar no asfalto as manobras praticadas nas ondas do mar”³. De acordo com os relatos de sua própria experiência com o skate, ele revela que,

*Meu primeiro interesse com o skate foi em 1968, quando comecei a surfar. Naquela época a gente fazia o nosso surfinho da maneira que dava, cortávamos compensados e tábuas com formas de pranchinhas e pregávamos patins com rodas de borracha, que usávamos com a regulagem do eixo super solto, pra fazer as curvas de surfe no asfalto. Nessa época fui com meus pais para Petrópolis, que é serra e não tem praia. Fui andar de skate num rink de patinação que tinha perto do Quitandinha, e me lembro do impacto que o skate causou naquele pessoal*⁴.

Outros depoimentos semelhantes ao de César Chaves ajudam na elaboração de uma compreensão sobre a influência do surfe neste momento inicial do skate. Leonides Melo, por exemplo, um surfista que começou nesta atividade ainda na primeira metade da década de 1970, tornando-se depois membro de uma equipe de skatistas conhecida no Rio de Janeiro como *Jeckle*, também associa seu início no skatismo em função de seu envolvimento com o surfe. De acordo com suas lembranças,

*Comecei a andar de skate em dezembro de 1974, em pleno verão carioca, e assim como na Califórnia, aqui no Rio de Janeiro, quando o mar não estava bom, os surfistas como eu, ficávamos buscando alguma coisa que nos animasse, quando descobrimos o skate, o entusiasmo foi geral e contagiante*⁵.

³ Revista *Tribo Skate*, 1999, nº 50, p. 37.

⁴ Entrevista com Cesinha Chaves por Cauê Muraro. Fonte: www.ncanal.com.br/busca/main.cgi?target=http://www.brasilskate.com/50.html, acesso em 03/12/2008.

⁵ Em entrevista realizada no dia 02/12/2008.

Depoimentos colhidos por skatistas na cidade de São Paulo também indicam essa associação entre as duas modalidades. Em entrevista realizada com Jun Hashimoto, um dos skatistas mais influentes da década de 1970 e que chegou a se profissionalizar nesta atividade, ele lembra que seu “primeiro contato com o skate foi motivado pela vontade de deslizar no asfalto e plagiar as manobras do surfe”, afirmando também que, no início, “um par de Havaianas (chinelos) nas mãos, camiseta *hang ten*, bermuda florida, colar de conchas e o skate embaixo do braço eram o equipamento nos dias das ladeiras de asfalto”⁶.

Nesse contexto de introdução de práticas californianas no Brasil, como a do surfe e a do skate, devemos compreender, como coloca o historiador Rafael Fortes, que o surfe já havia se consolidado nas areias do Rio de Janeiro, principalmente em Copacabana e no Arpoador, durante as décadas de 1950 e 1960, sendo que em 1965 teria surgido uma Federação Carioca de Surfe, o que bem possibilitaria essas trocas culturais como nos depoimentos citados. Num artigo em que aborda aspectos da história do surfe no Brasil, Fortes coloca que a construção dessa atividade ocorreu de forma paralela a de outras práticas, como a do skate ou a do *body-board*, e afirma que “diversos agentes se envolveram com mais de um esporte, de maneira que houve intensa circulação” (FORTES, 2008: 14).

De fato, a construção da prática do skate apresentou uma relação de intensa simbiose com a prática do surfe. Havia uma relação de estilo e de comunicação estética entre o corpo do surfista e o corpo do skatista. Quando a revista *Pop*, em sua edição de janeiro de 1974, noticiou – pela primeira vez e sob o título de “A nova onda é o surf na rua” - a prática do skate, ela trouxe as seguintes palavras como chamada para a matéria: “Cada ladeira é um desafio emocionante. É preciso ter equilíbrio, coragem e reflexos rápidos. É a incrível aventura do skate, ou o surf na rua, a nova curtição que já tomou conta de toda a patota”⁷.

Assim, como podemos visualizar em diversas imagens publicadas pela *Pop*, e como era explicado pelos próprios skatistas entrevistados, para praticar o “novo esporte” era preciso “ter equilíbrio”. Segundo um dos skatistas, “como no surf, todas as manobras são feitas com um leve movimento do corpo: à direita, para quem quer virar à

⁶ Em entrevista realizada no dia 22/05/2009.

⁷ Revista *Geração Pop*, nº 36, janeiro de 1974, p. 36.

direita, ou vice-versa”⁸. Revelava-se, portanto, uma característica típica dessas novas atividades oriundas da Califórnia e que estavam se introduzindo no cotidiano das práticas juvenis, elas investiam mais numa flexibilidade física atenta aos gestos de equilíbrio do que no acúmulo de forças para o levantamento de algum peso, o que fazia do corpo menos um suporte do gesto do que sua expressão.

Ao reduzirem o esforço muscular em prol de outros elementos para praticá-lo, o skate abria novas possibilidades de euforia, êxtase e vertigem. Não tanto a força dos músculos, mas sim a flexibilidade e a busca pelo equilíbrio estariam no cerne performático em questão. De acordo com as palavras de Denise Bernuzzi de Sant’Anna,

Os esportes californianos, por exemplo, que se expandem em várias partes do mundo a partir dos anos 70, têm por objetivo menos o cansaço salutar – característica dos antigos esportes comprometidos com os ideais higienistas de salvação de uma raça – do que a vivência de sensações de prazer, físicas e mentais, imediatas e inovadoras. O surfe, a asa delta, o windsurf, por exemplo, conduzem o olhar do esportista menos em direção à força realizada por seus músculos do que às flexibilidades motoras que ele é capaz de manter sob controle. De onde se explica, nessas atividades, o emprego de verbos que evocam o prolongamento de sensações de prazer e de controle do conjunto dos movimentos, tais como voar, escorregar, equilibrar (SANT’ANNA, 2000: p. 19).

Iniciar-se na prática do skate, portanto, significava dar menos evidência às questões corporais que envolviam força muscular e uma maior atenção ao equilíbrio corporal, controlado sob tênues movimentos de braços e pernas. Ao comparar os gestos exercidos por skatistas e surfistas com aqueles realizados por esportistas mais tradicionais, o pesquisador Christian Pociello argumentou que,

O investimento viril e quase artesanal do corpo, que os esportistas tradicionais exercem sempre direta e concretamente sobre matérias duras (colocando concretamente à prova suas qualidades de força e de resistência), parece ceder o passo diante de outros tipos de investimento lúdico do corpo. Explorando as energias exteriores ao corpo, graças aos prolongamentos maquínicos dos quais ele se dotou, pode-se assegurar, através de controles sutis de equilíbrio e com o mínimo esforço, qualquer experiência da mobilidade acrobática ou vertiginosa a custo mínimo (POCIELLO, 1995: p. 117).

⁸ Idem, p. 37.

A invenção deste novo corpo esportivo - para além de suas possibilidades de força, potência e virilidade – favoreceu para que ele passasse a ser visto como um possível objeto de comunicação através de uma série inusitada de gestos e movimentos (chamados pelos skatistas como “manobras”) que evidenciavam um desejo por aventuras e deslizamentos os mais variados, sendo o aprendizado de tais modalidades um questão de conquistar, através do corpo - ou “in-corporar” – essas novas possibilidades de movimento e frenesi estético.

Diferentemente dos esportes mais tradicionais, tanto o surfe quanto o skate (no início da década de 1970) eram atividades que pouco contavam com técnicos ou treinadores, o que também dava a sensação, para seus jovens praticantes, de uma maior liberdade na escolha do que fazer ou não fazer, de até aonde ir ou parar... Enfim, tratava-se de práticas que prometiam, para além do controle e da disciplina, certas liberdades intersticiais que passavam a ser percebidas como estilos de vida.

Ao observar o que chama de “práticas emergentes contemporâneas”, o professor Deibar René Herrera, da Universidade del Cuaca, na Colômbia, também afirmou ser possível percebermos nestas novas atividades outras formas de construção do corpo já diferentes daquelas apontadas por Michel Foucault através de seus estudos sobre as instituições disciplinares, as quais evidenciavam, sobretudo, a formação de corpos dóceis⁹. Para Herrera, faz-se importante admitirmos que o mundo contemporâneo também vem configurando outros usos do corpo que já não estão de acordo somente com a sociedade disciplinar e nem necessitam da obediência de outros tempos. Usos do corpo, em sua visão, que se formaram a partir dessas novas práticas culturais juvenis e que se constituem enquanto práticas de subjetivação por gerarem certas sensibilidades e oportunidades de criação; ou um novo *sensorium*, como diz, ou ainda uma celebração da vida através da intensificação das paixões e na invenção de espaços para compartilhar com pares um série de vivências e excitações lúdicas (HERRERA, 2009: 1 – 19).

Para muitos jovens, o fascínio despertado pela prática do skate parecia não ser muito diferente do fascínio despertado pela prática do surfe. Como colocou o pesquisador Peter Arnold, a prática do skate motivou diversos jovens na década de 1970

⁹ A esse respeito, ver: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987.

porque oferecia a mesma excitação que o surfe, mas com a vantagem de poder ser desfrutada por todos aqueles que não tinham acesso às praias (ARNOLD, 1977: 11). Como prática urbana, o skate foi visto por diversos segmentos da juventude como uma estimulante mistura de velocidade, habilidade e diversão.

Como afirmamos, não foi por adjetivos estranhos a esses que a revista *Pop* retratou, pela primeira vez em sua edição, a prática do skate. “Desafio emocionante”, “equilíbrio”, “aventura”, “curtição” etc. A construção deste conjunto de significados, todavia, buscou traduzir o que os skatistas encontravam em suas descidas pelas ladeiras, no caso dessa reportagem, na ladeira do Morumbi, em São Paulo. Assim, ao significar o skate para um público leitor jovem não necessariamente praticante desta atividade, a revista *Pop* colaborou na divulgação do skate como algo pertinente as “curtições” da juventude, inclusive buscando “orientações” e “dicas” com skatistas mais experientes para que os iniciantes procurassem evitar os tombos, algo certamente constante nesta atividade.

Andar de skate, ou “surfar no asfalto”, além de ser uma prática divertida, que mexia com o equilíbrio corporal e com a imaginação de seus praticantes, também era noticiada como uma atividade que envolvia riscos e possibilidades de “quedas duras”. Deste modo, aceitando a possibilidade de machucar-se ao praticar skate, tais jovens passavam a redefinir as concepções de corpo geralmente difundidas pela sociedade, isto é, a busca pela sua preservação física. A relação entre a prática do skate e o risco sempre iminente da queda demonstrava outros vieses na concepção acerca dos cuidados com o corpo, pois a possibilidade de ferir-se era algo constante, o que fazia com que os ferimentos passassem a ser encarados de um modo um tanto quanto corriqueiro. Quebrar partes do corpo, como um braço ou um pedaço do dente¹⁰, passava a figurar como uma das características do skate, uma atividade que, segundo a imprensa na época, começava a se transformar numa “mania”¹¹ entre os jovens no país.

A edição de abril de 1976 da revista *Pop* trouxe uma matéria com Amado Bonfim, skatista de vinte e quatro anos de idade, tido como um jovem experiente no

¹⁰ Segundo depoimentos de Robert Emmeneger publicados pela revista *Veja* no ano de 1973, “No começo tudo foi bastante difícil para mim; cheguei a quebrar um braço e um dente aprendendo a fazer o skate”. Revista *Veja*, 24 de Outubro de 1973, p. 58.

¹¹ Revista *Veja*, 24 de outubro de 1973, p. 58.

assunto para dar “um show de segurança, ensinando como cair sem quebrar a cara”¹². De acordo com a reportagem da revista,

Quem transa skate sabe muito bem: o tombo é inevitável e, muitas vezes, independe até da perícia de cada um. Por isso, mais importante que ignorá-lo é saber enfrentá-lo em qualquer situação. Aqui, Pop dá as principais dicas sobre como cair de skate sem se ralar todo. E, para tanto, foi buscar o orientação de quem realmente entende do assunto: Amado Bonfim de Souza, o Amado (Revista Pop, nº 42, 1976, p. 73).

Além de se preocupar com os tombos, ou melhor, com ensinamentos sobre as maneiras de evitá-los, a revista também buscava ser didática ao abordar os nomes das manobras de skate que, neste período, eram uma imitação dos nomes e movimentos do surfe. Assim, em sua edição de dezembro de 1975, a *Pop* buscou explicar para seus jovens leitores a relação corporal entre o skate e o surfe, deixando explícito que “os nomes das posições do skate são os mesmos do surf”¹³.

Ainda nesta reportagem, que foi intitulada: “Skate: no asfalto, sacando as manhas do surf”, a revista destacava que – em meados da década de 1970 - o skate contava com mais praticantes no Rio de Janeiro – os quais eram “geralmente surfistas” - que em São Paulo, citando “as ladeiras da prainha, na Tijuca, as paredes do Cobral, em Humaitá, e o parque Guinle, no Machado” como os principais lugares praticados pelos skatistas cariocas.

Visto como um desdobramento do surfe, o skate foi tido como um “surfe de rua”, um apêndice da prática do surfe. A esse respeito, em sua edição de março de 1976, a revista *Pop* exibiu, ao longo de três páginas, uma série de fotografias de skate em associação com fotografias de surfe. Na reportagem, escrita por Eduardo Athayde, era lembrado que tanto “no skate, como no surfe, os movimentos são semelhantes, e o que importa é jogar o corpo conforme o ritmo das ondas”¹⁴. No entanto, como a matéria deixava claro, embora as semelhanças entre o skate e o surfe fossem grandes, essas práticas ocupavam hierarquias diferentes entre os adeptos, os quais na época eram – muitos – tanto surfistas quanto skatistas. Deste modo, a revista dizia que “o skate é um

¹² Revista *Pop*, nº 42, 1976, p. 73.

¹³ Revista *Pop*, nº 38, 1975, p. 60.

¹⁴ Revista *Pop*, nº 41, março de 1976, p. 28.

estágio quase obrigatório para quem quiser virar uma fera (no surfe)”, trazendo também a seguinte afirmação do surfista norte-americano Owl Chapman, “o surf, pra mim, é a fórmula 1; o skate, a fórmula 2”, e lembrava que “todo surfista é um bom skatista”. Finalizando a matéria, a *Pop* registrava,

Qualquer manobra de surf pode ser repetida no skate, desde que a rua esteja desimpedida e que não passem carros, é claro. Na mesma descida, manobrando com os braços e regulando a velocidade com as pernas, você derrapa, sai de costas. E até entuba, exatamente como acontece no surf (Revista Pop, nº 41, março de 1976, p. 28).

Mesmo ao relacionar o skate ao surfe de modo a colocar o surfe como atividade principal e o skate como uma espécie de cópia dessa atividade, afirmamos que esta relação foi positiva para o skate nesses momentos iniciais de sua inserção no país. O que garantiria ao skate ser visto como um lazer juvenil e não como uma brincadeira infantil? Ser associado ao surfe foi muito positivo para que o skate pudesse, ao final da mesma década, começar seu processo de esportivização. Lembramos que, diferentemente do skate, o surfe no início da década de 1970 já era considerado um esporte, contava com campeonatos, federações e era cultuado pela juventude “dourada” da época, sendo inclusive capa da quarta edição da revista *Pop*¹⁵, edição que também dedicou oito páginas com reportagens e fotos sobre esta atividade¹⁶.

Para o skate, ser associado ao surfe era não ser associado a brincadeiras infantis, logo, ser associado à juventude e não à infância. Esse ponto foi fundamental para que o skate não entrasse no campo das representações infantis pela quais passaram outros aparelhos lúdicos, como o carrinho de rolimã, por exemplo.

Destacado pela revista *Pop* como uma “aventura” ou um “desafio emocionante”, o skate teve seu passaporte liberado para invadir os sonhos e desejos dos jovens leitores como algo que pudesse preencher seus anseios por “curtir a vida” e, principalmente – após a inserção desta prática num processo de esportivização - passou a servir como um

¹⁵ Revista *Pop*, nº 4, fevereiro de 1973.

¹⁶ Logo após essa edição, a revista *Pop* voltou a noticiar o surf, com uma reportagem especial em 6 páginas sobre as grandes ondas do Havaí. Revista *Pop*, nº 11, setembro de 1973. E já em sua edição de número 28, por exemplo, ela, além de publicar uma matéria ensinando a surfar, também sorteou 10 pranchas de surf para seus leitores. Revista *Pop*, nº 28, dezembro de 1974.

objeto simbólico na construção da identidade desses jovens sujeitos. Deste modo, como nos lembrou Eric Dunning, é o próprio desenvolvimento do esporte que “proporciona a identificação de grupo” (ELIAS; DUNNING, 1992: 324), sendo que os membros desse grupo não demorariam a ser identificados a partir da atividade que praticavam.

No caso do skate, após seu desmembramento do surfe, seus praticantes passariam a ser social e culturalmente identificados, num processo de individualização social¹⁷, como skatistas – fato que facilitará uma certa homogeneidade de representações sobre o grupo que pratica o skate para além das especificidades de cada praticante. Junto ao fortalecimento da palavra skatista para designar os adeptos dessa atividade, o desenvolvimento das pistas, rampas e manobras mais ousadas induziu o surgimento, ou melhor, a uma incorporação de um termo originalmente ligado à área Química para o uso esportivo: o “radical”. Era o início, portanto, da naturalização do que hoje chamamos como “esportes radicais”.

FONTES

Revista *Veja*, 24 de outubro de 1973.

Revista *Pop*, nº 4, fevereiro de 1973.

Revista *Pop*, nº 11, setembro de 1973.

Revista *Pop*, nº 28, dezembro de 1974.

Revista *Pop*, nº 36, 1974.

Revista *Pop*, nº 38, 1975.

Revista *Pop*, nº 41, março de 1976.

Revista *Pop*, nº 42, 1976.

Revista *Manchete*, 25 de outubro de 1975.

Revista *Tribo Skate*, 1999, nº 50.

Skaterdater. 1965. Noel Black & Marshal Backlar, 18 min., ficção/EUA.

www.ncanal.com.br/busca/main.cgi?target=http://www.brasilskate.com/50.html, acesso em 03/12/2008.

http://rioecultura.com.br/expo/expo_local3.asp?expo_cod=1264, acesso em 23/08/2009.

¹⁷ Compreendemos “processo de individualização”, de acordo com Norbert Elias, com algo relacionado às diferenciações que emergem nas relações de interdependência entre indivíduo e sociedade. ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNOLD, Peter. *The hamlyn book of skateboarding*. London: the hamlyn publishing group, 1977.
- CHAVES, César. Anos 70. In BRITTO, Eduardo (org.). *A Onda Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil*. São Paulo: Parada Inglesa, 2000.
- DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. A vida vem em ondas. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 4, nº 40, janeiro de 2009.
- _____. A mundialização e os esportes na natureza. In *Conexões* (UNICAMP), v. 6, nº 1, 2008, p. 54 – 66.
- _____. Ta dando onda (surf up). In *Esporte e Sociedade*, ano 3, nº 8, 2008.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FORTES, Rafael. Os anos 80, a juventude e os esportes radicais. *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de. (org's). São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- _____. Notas sobre Surfe, Mídia e História. In *Recorde: Revista de História do Esporte*. Volume I, número 2, dezembro de 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HERRERA, Deibar René Hurtado Herrera. “In-corporar en la sociedad moderna y en las prácticas emergentes contemporaneas” In *Recorde: Revista de História do Esporte*. Volume 2, número 2, dezembro de 2009.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HONORATO, Tony. Uma história do skate no Brasil: do lazer à esportivização. Publicado em: Associação Nacional de História – Núcleo Regional de São Paulo. Anais do XVII Encontro Regional de História: *O Lugar da História/ Sylvia Bassetto*, Coordenação Geral. Campinas: UNICAMP, 2004.
- MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. O surfe no cinema e a sociedade brasileira na transição dos anos 1970/1980. In MELO, Victor Andrade de (org). *Esporte e cinema: novos olhares*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.
- POCIELLO, Christian. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. (org^a). *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1995.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções. In *Motrivivência*, ano XI, n. 15, agosto de 2000.